

Riqueza científica e ensino pobre

Raymundo Lima^{*}

A produção científica do Brasil cresceu 56% entre 2007 para 2008. Passamos do 15º para 13º lugar no ranking mundial de artigos científicos publicados em revistas especializadas (19.436 artigos em 2007 subiu para 30.451). São dados do *National Science Indicators* com mais de 180 países. O Brasil ultrapassou a Rússia, que a cada ano perde excelentes pesquisadores para outros países. O presidente da Academia Brasileira de Ciências, Jacob Palis, considerou “alvissareiro” esse crescimento. Mas para o sociólogo Rudá Ricci, coordenador do Instituto Cultiva, “essa produtividade acadêmica se tornou absolutamente estéril socialmente. O impacto político é nulo”.

Para além das críticas sobre o produtivismo desvairado das universidades, com suas pesquisas que não causam impacto social e científico, mesmo assim, penso que devemos comemorar, a exemplo dos atletas que ganham medalhas e taças. Entretanto, a cultura universitária pouco investe na divulgação de suas realizações para a sociedade; muitas vezes o seu público interno desconhece as realizações nos campos da pesquisa, ensino e extensão. A recente pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (UEM) que resulta no tratamento do vitiligo, ou o adoçante extraído da planta *stevia* hoje aceito mundialmente, embora divulgados pela imprensa da instituição e jornais do estado, ainda não são absorvidas pelas escolas dessa região. A imprensa também divulgou que a UEM hoje é a primeira universidade do Paraná, e a 20ª do Brasil, mas causa impacto na sociedade local?

Algumas grandes universidades possuem um setor especializado responsável pela divulgação das pesquisas. O “jornalismo científico” é encarregado de traduzir a linguagem científica para o grande público entender, e também organiza/cataloga a produção da instituição a serviço da população. Contudo, se os próprios pesquisadores não se dispõem levar suas pesquisas “aonde o povo está” – e “aonde a escola está” – além de passar uma imagem elitista, distante e alienada para a população, não contribui para melhorar o ensino nas escolas. Tal atitude lembra o deputado “x” quando diz estar se lixando para a opinião pública. Ou seja, será que os pesquisadores estão se lixando para o ensino de ciências nas escolas?

Para o pensador das ciências, Boaventura Sousa Santos, só um novo paradigma científico terá a função de “sensocomunicar-se”(sic), ou seja, de traduzir os conhecimentos científicos “prudente para desenvolver uma vida decente”. Enquanto a ciência moderna foi construída contra o senso comum, assim expropriando as pessoas comuns da capacidade de participar do processo de fazer ciência, hoje é imperioso orientar os projetos de pesquisas e sua divulgação para esclarecer e emancipar o povo, começando pela nova geração escolar.

Portanto, não basta crescimento da produção científica, é preciso proporcionar uma educação científica das novas gerações. Falta criar uma mentalidade/cultura entre os

^{*} Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor do Depto. Fundamentos da Educação, na área de Metodologia da Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

pesquisadores comprometidos para a alfabetização científica dos professores que atuam nas escolas¹. Em vez de maldizer a ignorância do povo, e responsabilizar os professores pelo baixo rendimento dos alunos, nós devemos “sensocomunicar” nossas pesquisas, estudos e atividades culturais para além dos muros das universidades.

Reforçando o argumento: o Brasil está bem na produção científica (13º lugar), mas é o 52º lugar no ensino de Ciências, dentre 57 países. Por que nossos alunos do ensino médio não aprendem ciências? Será porque convivem com professores que não aprenderam pensar cientificamente? Ou não sabem “como” ensinar os alunos através de pesquisas e experimentos?

Em vez de seguir modismos pseudoteóricos, os professores deveriam ousar novos modos de ensinar, e realizar mais pesquisas e atividades experimentais com conhecimentos velhos e novos. Há que ser superado, ainda, o lado sombrio do espírito pós-moderno, que conduz à desconfiança na razão científica e o amor pela verdade. Não se aprende ciência genuína com professores que resistem abandonar suas ‘certezas’ religiosas ou laicas; e, pouco se aprende com aqueles que carecem do rigor e da objetividade no ensino/pesquisa sobre cada ciência, principalmente quando confundem ciência com pseudociência.

¹ As Diretrizes Curriculares de Ciências do Estado do Paraná solicitam que o professor que atua nas escolas fique atento as publicações científicas, afim de que ele possa transmitir para os alunos, bem como mediar debates de idéias, ou até mesmo desenvolver novas pesquisas com seus próprios recursos.